

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE INFANTIL: COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Krischna Silveira Duarte (FURG)

Alfredo Martin Gentini (FURG)

RESUMO: Problematizamos a influência da mídia na produção de subjetividades infantis e propomos a utilização do audiovisual como ferramenta da Educação Ambiental Não-Formal, iniciando a formação de jornalistas ambientais-mirim. Numa pesquisa-ação-participante com nove crianças, objetivamos estimular a sua criticidade em relação às imposições midiáticas e relacionar com a qualidade de nossas relações ambientais. Criamos dois dispositivos: a oficina *Criando Ambientes Comunicativos Sustentáveis* e o programa de TV JORNALECO. A análise comparativa dos questionários aplicados mostra que as crianças passaram a compreender a manipulação das subjetividades e a traçar paralelos entre serialização midiática, incentivo ao consumo e a degradação ambiental.

Palavras Chave: Educação Ambiental. Educação para as Mídias. Produção de Subjetividade. Clinamem.

PRODUCTION OF CHILD SUBJECTIVITY: ALTERNATIVE COMMUNICATION AND ENVIRONMENTAL EDUCATION

ABSTRACT: We have questioned the influence of media on children's production of subjectivities and propose the use of audiovisual tools for Non-Formal Environmental Education, initiating the training of young environmental journalists. In a study action with the participation of nine children, we aimed at stimulating their criticality in relation to media impositions and link them to the quality of our environmental relationships. We created two devices: the Creating Sustainable Communicative Environments workshop and the JORNALECO TV (news). The comparative analysis of the questionnaires shows that children now understand the manipulation of subjectivities, and draw parallels between media serialization, incentive to consumption and environmental degradation.

Keywords: Environmental Education. Education for the media. production of subjectivity. Clinamem.

Introdução

Apresentamos neste trabalho a análise de dados produzidos com um grupo de nove crianças, de oito a dez anos de idade, da rede estadual de ensino fundamental de Pelotas\RS, no qual exploramos a influência negativa dos meios de comunicação de massa sobre a subjetividade infantil. Problematizamos a influência midiática a partir do prisma da Educação Ambiental, analisando as consequências desta manipulação no ambiente e o papel do ser humano frente a esta realidade. Propomos a utilização da mídia alternativa como elemento capaz de inaugurar espaços de singularização das subjetividades, que vão de encontro aos processos de serialização da cultura, dos desejos, dos modos de ser e agir instituídos, no sentido da criação do novo, do resgate da originalidade. Este novo, por sua vez, atua como potência transformadora do ambiente.

O principal objetivo do trabalho é estimular as crianças a desenvolverem o senso crítico em relação às imposições midiáticas e a apropriarem-se da ferramenta audiovisual, de forma que possam expressar suas necessidades, angústias, desejos, enfim, que tomem posse de seu direito à comunicação e que exerçam sua cidadania neste processo. Estas ações educativas e coletivas de mudança social desenvolvidas pelo grupo caracterizam o método da Pesquisa-Ação-Participante (BARBIER, 2006; BRANDÃO, 2009), adotado neste estudo de natureza qualitativa. O perfil do grupo pesquisador justifica-se no fato de que crianças na faixa etária compreendida entre os oito e os dez, onze anos de idade, estão na fase do desenvolvimento infantil que corresponde ao Período Operacional Concretoⁱ, ou seja, o sistema cognitivo transcende o pensamento pré-lógico, o que permite encontrar soluções lógicas para os problemas concretos (PIAGET, 1976). É neste período, também, que surgem os sentimentos morais e sociais de cooperação.

O reconhecimento da necessidade do estudo sobre a relação das crianças com a mídia é decorrente da intensa trama cultural audiovisual que experienciamos na contemporaneidade e que submete a constituição da subjetividade infantil à lógica capitalista.

Muitos autores (BOURDIEU; BUCCI; GUATTARI; LEVY; THOMPSON, etc.) consideram que a manipulação midiática é uma enorme fonte de poder em nossa sociedade, pois é capaz

de difundir uma interpretação fabricada da realidade. Para Bourdieu (2000), esta faculdade é o *poder simbólico*, uma espécie de poder ‘quase mágico’, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 2000, p. 14).

Neste contexto a mídia, sobretudo a televisão, é presença marcante nas relações familiares e parte significativa da vida política e cultural do país. Está em 98% dos laresⁱⁱ; até mesmo naqueles em que não há geladeira! A TV uniformiza e, portanto, despersonaliza o homem moderno, na medida em que dissemina valores e ideais de vida inalcançáveis pela maioria dos indivíduos. Todavia no espaço/tempo da TV, tais comportamentos são a regra, o que incita o telespectador – que possui uma relação muito próxima com o meio – a reproduzir o mesmo padrão. A TV naturaliza o instituído, acomodando as subjetividades. Nós, ignorantes da arbitrariedade da televisão, como aponta Bourdieu (2000), tornamo-nos sujeitos passivos da produção de subjetividade e pensamos, equivocadamente, que nossas interpretações daquilo que experienciamos são absolutamente próprias, individuais, fruto apenas da nossa subjetividade.

O espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão. Ele se estende de trás para adiante: começa lá onde chegam a luz dos holofotes e as objetivas das câmeras; depois prossegue, assim de marcha à ré, passa por nós e nos ultrapassa, terminando às nossas costas, onde se desmancha a luminescência que sai dos televisores. O resto é escuridão” (BUCCI, 2005, p. 11).

Este fenômeno ocorre de forma sutil: ao sermos expostos diariamente aos modos de ser glamourizados da televisão, acabamos por identificar-nos com determinados personagens reais ou imaginários. O processo de naturalização do instituído torna as características destes personagens um modo de ser ideal, que neste contexto, inevitavelmente será reproduzido. Daí deriva a capacidade de

alienação e violência simbólica que a TV possui: cria uma imagem daquilo que seria a sociedade brasileira, uniformizando, criando a falsa ideia de um país unido para, brutalmente, esconder a desigualdade social estabelecida.

O enorme poder concentrado na TV brasileira lhe foi delegado pelo atraso, o mesmo atraso que favoreceu e favorece latifundiários, as empreiteiras, os banqueiros. Entre todos, os donos das emissoras e principalmente das redes são os mais poderosos. A TV é um desequilíbrio a mais num país de desequilíbrios (desequilíbrios que ela, por sinal, esconde) (BUCCI, 2005, p. 35).

A manipulação midiática é uma enorme fonte de poder em nossa sociedade, pois é capaz de difundir uma interpretação fabricada da realidade, de onde se reafirma uma ação alienada sobre o mundo. A disseminação desta falsa compreensão do real objetiva o acobertamento das contradições do sistema capitalista instituído que, alienando os sujeitos, garante sua exploração. Desta forma, produz-se subjetividade e instigam-se desejos que atingem o inconsciente dos sujeitos, moldando comportamentos e fazendo com que os próprios sujeitos tornem-se reprodutores destes discursos. Por meio desta produção de subjetividade, o sistema capitalista molda as relações ambientais, fazendo com que os sujeitos assumam papéis inerentes às regras desse sistema. Assim, na busca pela individualidade - que a própria mídia promove -, os sujeitos reproduzem modos de ser e consomem objetos que lhes conferem destaque dos demais, contribuindo assim com a imposição capitalista que a mídia dissimula: manter o domínio de bens privados, ostentar mais poder do que o outro, manter a hierarquia, e assim por diante. À medida que esta lógica se estabelece, o possuir tende a regulamentar as regras do convívio social infantil. Ao consumir determinado produto, a criança configura-se como consumidor, distanciando-se ao mesmo tempo, dos não consumidores. O pertencimento ao grupo está sujeito a ser igual, e ser igual pressupõe possuir os mesmos objetos. O que antes estava atribuído às habilidades de cada um, por exemplo, hoje se resume aos artigos de marca que a criança ostenta, além da adequação de sua imagem aos padrões estabelecidos pela mídia.

O eu e o outro são construídos a partir de um jogo de identificações e de imitações padrão que levam a grupos primários voltados para o pai, o chefe, a *star* de mídia. É, com efeito, no sentido dessa psicologia

de massas maleáveis que trabalha a grande mídia (GUATTARI, 2008, p. 45).

A constituição da identidade infantil sofre influência da uniformização midiática desde muito cedo. Esta lógica obedece à seguinte equação: quanto mais precoces forem as crianças, mais cedo se tornarão consumidoras. Quanto mais estiverem de acordo com os padrões sociais, mais consumirão objetos que simbolizem estes padrões.

Deste modo é possível pensar que a produção de elementos audiovisuais alternativos e a análise de seu produto como processo educativo podem estimular novas maneiras de compreender e atuar no ambiente. A livre expressão dos sonhos, dos desejos e das expectativas dos sujeitos pode instigar modos de ser comprometidos com o bem estar, com a qualidade de vida das populações, com a sustentabilidade ambiental, enfim, com a saúde. Assim, a apropriação da mídia alternativa pelos sujeitos pode ser entendida como uma ação no sentido inverso, que toma posse do que “poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero” (GUATTARI, 2008, p. 15).

Mídia, consumo e ambiente

A mídia televisiva, portanto, pode ser entendida como um elemento retroalimentador do sistema capitalista instituído, visto que é por meio da televisão que reafirmamos a lógica capitalista que regulamenta as relações ambientais contemporâneas. A TV nos impõe diariamente – e na maioria dos casos, desde muito cedo – que a felicidade está atrelada ao consumo de objetos.

Nesta perspectiva, Bauman (2008) afirma que as relações sociais na sociedade de consumidores se estabelecem a partir de um padrão muito semelhante às relações entre consumidores e objetos de consumo. É necessário consumir para ser. De maneira espirituosa, mas sem desmerecer a gravidade da colocação, o autor traz à reflexão o cogito de Descartes em versão atualizada: “*Compro logo sou... um sujeito*”.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira

perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável (BAUMAN, 2008, p. 20).

Considerando a velocidade e a quantidade de informações que atravessam os distintos campos e classes sociais, é possível afirmar que, atualmente, grande parte das pessoas tem conhecimento - mesmo que de forma ingênua -, de que o consumo exacerbado de bens gera resíduos que não são devidamente tratados/destinados por nós, consumidores, nem pelos fabricantes, que deveriam responsabilizar-se pelos detritos de seus produtos. Por isso, ao consumir futilidades em escala crescente, estamos confirmando nossa postura antropocêntrica ao admitir que nosso desejo de possuir objetos seja mais importante do que a preservação da vida.

Assim, ao analisarmos a relação entre mídia, consumo e ambiente, poderíamos imaginar os sujeitos sendo engolidos por uma realidade aprisionadora, da qual é difícil escapar. De um lado vemos o sistema capitalista opressor, excludente; de outro, a mídia (em especial a TV), que estimula os sujeitos a serem únicos e originais. Todavia, a originalidade é produzida de maneira industrial e vendida pela mídia na forma de signos que garantem a manutenção do sistema instituído. Esta relação em cadeia, por fim, desemboca na solidificação dos conflitos em nível mental, social e ambiental. Se nos aventurarmos a pensar em uma imagem que se aproxime dessa realidade, chegaríamos a algo parecido com isto:



Figura 1 Diagrama da relação entre a mídia e os conflitos ambientais

Os sujeitos, neste contexto, colocam-se em uma situação sem saída, engolidos de um lado pelo sistema econômico e, de outro, pelas imposições midiáticas.

Segundo Pedrini e Cavalcanti (1997), as populações de nações que vivem sob a dominação neoexpansionista norte-americana vivem um analfabetismo ambiental oriundo da veiculação massiva de modelos de vida e hábitos de consumo insustentáveis. Desta forma, sofrem degradações éticas e morais, assistindo à exploração desenfreada de suas reservas

naturais, tecnológicas e materiais, para a manutenção de um modelo de desenvolvimento econômico imposto pelos países ricos. São estas as atitudes que precisam ser repensadas, pois como afirma Guattari (2008, p. 16), vivemos em um momento histórico no qual “cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas”.

De toda forma, sabemos que o que se consome hoje, não são produtos, são signos. Vendem-se, sobretudo, imagens e modos de ser. Nesta cultura, ser consumidor precede o ser cidadão. Os valores convertem-se todos em valores de troca. O indivíduo conhece o preço das coisas, mas desconhece o seu próprio valor. Esta postura abre precedente para a desvalorização de nós mesmos, do outro, do ambiente, enfim, da natureza. Esta desvalorização agrava-se porque o estilo de vida que temos hoje nos empurra cada vez mais para o individualismo, para competição e, conseqüentemente, para a desconexão de nós mesmos e para o desligamento do ambiente.

Os conceitos de responsabilidade e de escolha responsável, que antes residiam no campo semântico do dever ético e da preocupação moral pelo Outro, transferiram-se ou foram levados para o reino da auto-realização e do cálculo de riscos. Nesse processo, ‘o Outro’ como desencadeador, alvo e critério de uma responsabilidade reconhecida, assumida e concretizada, praticamente desapareceu de vista, afastado ou sobrepujado pelo eu do próprio ator (BAUMAN, 2008, p. 119).

É nesta esfera que nossa investigação propôs-se a trabalhar: ressignificar as relações do indivíduo com o outro e consigo mesmo no ambiente, utilizando a mídia alternativa como suporte tecnológico que possibilite a sensibilização, a reflexão, a criação do novo. Desenvolver ações no sentido de resgatar as singularidades e promover a expressão original, autônoma, criando pequenas rupturas no instituído, reinventando maneiras de transformar o ambiente.

Trata-se, cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero (GUATTARI, 2008, p. 15).

Ainda assim, o processo de manipulação não deve ser reduzido ao uso negativo de suas propriedades. Muitas vezes nos deixamos ser manipulados por que assim o desejamos. Quando assistimos a um filme, por exemplo, queremos ser envolvidos pela fantasia que ali se coloca. O cinema como suporte para o audiovisual caracteriza-se pela criação de uma

atmosfera envolvente: o sistema acústico, as dimensões da tela e a penumbra da sala contribuem para o despertar do nosso imaginário. Esta fantasia, que é parte importante da nossa subjetividade e que muitas vezes adormece, é o que nos permite sonhar, imaginar novos modos possíveis de ser, de agir, de relacionarmo-nos... Daí surge o desejo, que é potência produtiva e que pode tornar-se realidade, pois como afirma Guattari (1987, 81), "O desejo é sempre extraterritorial, desterritorializado, desterritorializante. Ele passa por cima e por baixo de todas as barreiras".

Deste processo emerge a contribuição da ferramenta audiovisual como elemento capaz de sensibilizar e mobilizar o espectador por meio de narrativas que problematizem, desacomodem, estimulem a reflexão. Estas narrativas audiovisuais se inserem no hábito de contar histórias, que é tão antigo quanto a história da comunicação oral e configurou através dos tempos a maneira de transmitir valores, saberes, hábitos, ideais de estética, de felicidade, enfim, concepções de mundo, às gerações futuras. Desta forma constituía-se a identidade dos grupos. Identidades estas cravejadas de manipulação.

Utilizemos, como exemplo, o ato de contar histórias a crianças. Podemos movimentar o corpo, alterar a voz, produzir sons ou utilizar objetos que ajudem a construir o universo lúdico em que a história acontece. O leitor há de concordar que, em certo aspecto, estamos manipulando esta história da maneira que pensamos atrair mais a atenção da criança. Quanto mais fantástica for a história, mais satisfeita a criança ficará. Note, também, que, ao contar a história a alguém, ou seja, ao reproduzir a mensagem, esta criança certamente copiará as técnicas de manipulação do adulto.

Nos estudos sobre o desenvolvimento infantil, a imitação aparece como importante elemento da socialização, da linguagem e da cognição nas crianças, mas a compreensão desse processo e de seu papel específico depende da teoria do desenvolvimento e de como esta inclui o ambiente social. Para Piagetⁱⁱⁱ o desenvolvimento da imitação está ligado ao aparecimento da função simbólica. Desta forma, a imitação precede a representação. A representação, por sua vez, é a reunião de um significante e de um significado e produto da interiorização gradativa da ação. Quer dizer, ao final dos seis estágios que compõem a gênese do imitar, a criança internaliza a repetição, passando a representá-la, sem que haja necessariamente um modelo externo a ser imitado (PIAGET, 1973). É a partir deste 'copiar' o adulto que a criança passa a reproduzir os modelos estabelecidos pela

sociedade, sujeitando sua subjetividade aos processos de manipulação pelo instituído.

A tradição de contar histórias continua presente na cultura brasileira, porém, o modo de contar estas histórias ganhou suportes com tecnologia cada vez mais avançada. Os meios de produção e divulgação de mensagens estão cada vez mais acessíveis em termos econômicos e tecnológicos^{iv}. A convergência de mídias^v permitiu a democratização da produção audiovisual ao disponibilizar celulares com câmera de vídeo. A internet, por sua vez, abriu espaço para a divulgação destas produções na medida em que permite a qualquer pessoa postar estes produtos. Hoje um vídeo caseiro postado no Youtube^{vi} pode ser mais assistido do que uma produção audiovisual independente, realizada por profissionais. O que escrevo aqui pode soar chistoso, mas não deixa de ser verdade: atualmente, produzir e divulgar elementos audiovisuais é brincadeira de criança!

De acordo com o filósofo Walter Benjamim (1984), os brinquedos e os livros infantis expressam o projeto educativo de uma geração ou de um grupo. A programação televisiva age neste mesmo contexto, impondo às crianças as características culturais de sua época.

Audiovisual e educação

A importância da utilização do audiovisual na educação justifica-se devido às características dessa linguagem que vai além da escuta e da análise visual. A experiência audiovisual é uma experiência sensorial, que envolve profundamente o receptor de seus estímulos.

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não-separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços (MORÁN, 1995, p. 28).

O cruzamento entre as áreas do saber educativo e comunicativo vêm sendo estudas há algumas décadas; ainda assim, os profissionais da TV têm dificuldade para apropriar-se da educação, da mesma forma que ainda é precária a utilização do vídeo de maneira eficaz pelos educadores.

Não se pode negar que diante da tela da televisão, milhões de brasileiros se divertem diariamente e, eventualmente, aprendem algumas coisas. No entanto, enquanto os meios de comunicação de massa continuam a bombardear adultos e crianças, a escola ainda encontra dificuldades em trabalhar com eles, insistindo em ensinar basicamente contando com a palavra oral e escrita (TRABJER; COSTA, 2001, p. 52).

Isto porque a interrelação entre os campos da educação e da comunicação ainda reduzem os meios à pura instrumentalização, deixando de lado a inserção da educação nos processos comunicativos e vice e versa.

A escola desvaloriza a imagem [...] ignora a televisão, o vídeo; exige somente o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico. É fundamental que a criança aprenda a equilibrar o concreto e o abstrato, a passar da espacialidade e contiguidade visual para o raciocínio sequencial da lógica falada e escrita. Não se trata de opor os meios de comunicação às técnicas convencionais de educação, mas de integrá-los, de aproximá-los para que a educação seja um processo completo, rico, estimulante (MORÁN, 2007, s.p.).

De acordo com Cebrián De La Serna (1998) os professores não utilizam o vídeo com todas as possibilidades que o suporte oferece. Os estudantes, na verdade, 'vêem televisão', o que não pode ser considerado como um processo propriamente educativo. É neste terreno que poucos e corajosos educadores arriscam-se a inovar em suas práticas pedagógicas. A concorrência é desleal. As crianças são interpeladas por uma quantidade infindável de estímulos visuais e pelo acesso a diversos conteúdos na distancia de um *click*. Ao mesmo tempo, o educador padece na tentativa de programar uma atividade lúdica, com os escassos recursos (de formação, tecnológicos, materiais, etc.) que a realidade da educação brasileira permite.

Metodologia

Desenvolvemos nossa proposta a partir da oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis* e do Programa de TV JORNALECO, produzido pelas crianças e veiculado no canal televisivo de Universidade Federal do Rio Grande (FURG TV). A oficina tem, por objetivo central, promover o exercício

do olhar crítico em relação às imposições midiáticas, traçando um paralelo entre a produção de subjetividade e os conflitos ambientais. Desta forma, buscamos soluções locais para estes conflitos nas esferas mental, social e ambiental da ecologia.

O programa JORNALECO trabalha em dois sentidos: é plataforma experimental para os aprendizados audiovisuais e disseminador dessas novas subjetividades que foram se constituindo ao longo de nossas ações. Neste sentido, O JORNALECO pode ser comparado a um território existencial^{vii} particular a este grupo, pois o território é o espaço da subjetivação fechada nela mesma, que ocorre por meio da apropriação que estes sujeitos fazem dos instrumentos audiovisuais, conquistando o direito exercer seus modos de comunicar, de enunciar suas ideias, seus valores, seus desejos e suas necessidades. Desta forma, o ato de comunicar torna-se um exercício de cidadania, pois o grupo torna-se sujeito de atividades de ação comunitária, em um processo educativo que agrega novos elementos à sua cultura.

Estas pequenas intervenções, envolvendo pequenos grupos da sociedade, podem ser entendidas como aquilo que Guattari (1987) conceituou como revolução molecular: o ato de aproveitar e constituir linhas de fuga capazes de mudar o infeliz estado das coisas enraizado em nossa sociedade. Assim, nossa proposta pode ser entendida como um *Klinamem* – vocábulo grego que significa desvio, invenção, e que

[...] alude à ideia democritiana de que la realidad esta constituida por ‘átomos que caen en el vacio según trayectorias rectas’. Cuando uno de ellos se ‘desvia’ y entra en colisión con otro, en un mínimo de tiempo pensable, se crea una nueva unidad, inexistente hasta el momento, que constituye una ‘invención’. (BAREMBLITT, 2000, [s. p.]).

Portanto, podemos afirmar que tanto a oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis* quanto o programa JORNALECO constituem-se nestes pequenos desvios na trajetória de um átomo, e que a matéria nova que surge desta colisão são novas maneiras de produzir subjetividade, que problematizam, desacomodam, que permitem a construção conjunta de novos valores humanos, que incentivam a atuação dos sujeitos como agentes de transformação da crise ambiental vigente.

A estrutura da oficina foi desenvolvida de acordo com os mecanismos de percepção infantis, o que possibilitou trabalharmos de modo efetivo na construção de novas lógicas, distintas daquelas instituídas pelo sistema do capital e dissimuladas pela mídia. Para isso nossas ações foram

organizadas, de modo a favorecer a participação ativa das crianças em todas as etapas do processo, permitindo assim que os conteúdos trabalhados fossem de fato internalizados por elas.

No nível moral, as concepções de bem e de mal serão abstrações das relações sociais efetivamente vividas. Por esta razão, uma educação moral que objetiva desenvolver a autonomia da criança não deve acreditar nos plenos poderes dos belos discursos, mas sim levar a criança a viver situações onde sua autonomia será fatalmente exigida (PIAGET, 1994, p. 19).

Para auxiliar no processo de aprendizagem das crianças, elaboramos o *Manual do Audiovisual*, uma espécie de cartilha que traz informações e exercícios sobre a técnica e a linguagem audiovisual de forma simples e didática.



Figura 2. Capa do Manual do Audiovisual

Neste contexto é que o programa JORNALECO se constitui como plataforma experimentativa, pois é nas atividades relativas à produção do programa que as crianças exercem a autonomia de forma cidadã. Na esfera mental, as crianças são levadas a refletir sobre as imposições midiáticas, a repensar seus comportamentos e a buscar soluções para os problemas ambientais. Na social, são instigadas a exercer seu papel como cidadãos, agentes capazes de transformar a realidade disforme que se coloca para todos nós. Além disso, os afazeres da produção do programa exigiram do grupo dinâmicas mais harmônicas de relacionamento, instigando o

respeito ao espaço do outro, à realização de atividades em grupo, à valorização das diferenças, etc.

Quanto à esfera ambiental, podemos destacar a produção do JORNALECO como elemento capaz de plasmar nossas ações desenvolvidas nas distintas esferas da ecologia. Criar o JORNALECO permitiu às crianças traçar relações entre as esferas mental e social, o que derivou em ações em nível ambiental.

O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência; o pior é a mass-midialização embrutecedora, à qual são condenadas hoje em dia milhares de indivíduos. As evoluções tecnológicas, conjugadas a experimentações sociais desses novos domínios, são talvez capazes de nos fazer sair do período opressivo atual e de nos fazer entrar em uma *era pós-mídia*, caracterizada por uma reapropriação e uma re-singularização da utilização da mídia. (GUATTARI, 1987, p. 15-16).

A oficina foi realizada com dez educandos do ensino fundamental da *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ginásio do Areal*, situada em Pelotas/RS. Juntos desenvolvemos atividades de autoanálise e análise da mídia televisiva, com o intuito de refletir sobre a influência midiática no espaço ambiental, social e subjetivo da atuação dos sujeitos. Assim, queríamos provocar a reflexão, a autonomia e a criticidade dos educandos, de modo a promover maneiras mais sustentáveis – de justiça social, equilíbrio ambiental e liberdade mental – de existir no mundo e com o mundo. “O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das instituições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica” (FREIRE, 2009, 45).



Figura 3 Atividades da oficina

A oficina foi estruturada a partir de três temas básicos que são convergentes e complementares: *Desequilíbrio Ambiental*, *Equilíbrio Ambiental* e *Audiovisual*. O plano de trabalho propôs-se a trabalhar a questão do equilíbrio, entendendo que este pressupõe a harmonia entre todas as esferas de relacionamento no ambiente. No que tange ao desequilíbrio, a proposta foi refletir sobre os modos de pensar e de agir, baseados na ética capitalista e disseminados pela mídia e sobre as consequências desta realidade no ambiente.

O audiovisual permeia os outros dois temas enquanto linguagem e espaço que permite (re)criar as relações e percepções ambientais. Permite discutir os valores e costumes individualistas e mesquinhos que experienciamos em sociedade, ao mesmo tempo em que promove a reflexão sobre maneiras harmoniosas, afetivas de existência, em cooperação com nossos semelhantes e com o ambiente. Assim, a estrutura básica de nosso plano de trabalho é representada da seguinte maneira:

- *Desequilíbrio Ambiental*: problematiza a sociedade do consumo, o uso das tecnologias na atualidade; instiga a reflexão sobre a postura do ser humano em suas relações ambientais, sociais e mentais; promove a análise e a discussão sobre os conflitos ambientais percebidos pela comunidade escolar.
- *Equilíbrio Ambiental*: promove a reflexão sobre maneiras mais harmônicas de convivência nas três esferas da ecologia e sobre modos de vida sustentáveis; instiga a compreensão do todo e estimula ações que constituam linhas de fuga para os conflitos ambientais locais.
- *Audiovisual*: além de tema básico a ser trabalhado, será instrumento de mediação pelo qual serão trabalhados os demais assuntos abordados na oficina. É a partir do tema *Audiovisual* que serão introduzidas as discussões sobre a influência da televisão nas subjetividades e as consequências destas imposições em nossas relações. Neste contexto, abre-se espaço também para refletir sobre a utilização do audiovisual de maneira educativa.

A escolha do grupo sujeito deu-se por meio de um pré questionário aplicado a todas as crianças da escola selecionada, com a faixa etária correspondente àquela na qual

se dá a formação dos valores humanos – de acordo com Piaget (1976), recordemos: dos oito aos dez anos de idade. O grupo-sujeito é um conceito de Guattari (1987) que se refere a um grupo que se constitui como uma Utopia Ativa, um grupo capaz de gerar suas próprias leis para realizá-las e de construir a si mesmo no processo. Um grupo que reconheça seu dever, ciente de suas condições sócio-históricas. Um grupo capaz de transformar a realidade por meio de sua ação sobre o mundo. Com isso, acreditamos que novas maneiras de existência são possíveis, “que a justiça, a liberdade, o respeito entre as pessoas de todas as classes e níveis, a vivência amorosa entre os diversos tipos de sujeitos e o aproveitamento do potencial criativo de todos são valores ainda resgatáveis”^{viii}.

O pré questionário apresentava duas questões livres, que tratavam sobre os desejos e sonhos das crianças, a saber: Cite as cinco coisas que você mais gosta de fazer; Se você pudesse fazer alguma coisa que não fosse uma tarefa da escola, nem de casa, algo que você faria apenas para ser feliz, o que seria?

Considerando a quantidade de material didático e equipamento disponíveis, o tempo que teríamos para desenvolver a oficina e o fato de que os encontros seriam ministrados apenas por mim, decidimos que, dentre as 41 crianças, teríamos de selecionar cerca de dez, apenas. Desta forma, poderíamos dar mais atenção a cada criança no desempenho das atividades, favorecer a proximidade entre o grupo e, posteriormente, realizar uma análise mais criteriosa dos dados. A ideia foi não ultrapassar muito este número, mas colocar-nos flexíveis a mudanças no número e na idade dos participantes, para mais e para menos.

De fato, ao analisar o pré-questionário, destacaram-se exatamente dez crianças, que tinham perfil compatível com a proposta da pesquisa. Uma tem oito anos; cinco têm nove e quatro têm dez. Oito delas cursam o 4º ano do Ensino Fundamental e duas o 3º; seis são meninas e quatro são meninos. As aproximações entre os objetivos do trabalho e os desejos das crianças, além das semelhanças de perfil entre os participantes, naturalmente começaram a tomar a forma de um grupo. Um grupo que tem, como principais formas de lazer, assistir televisão (6) e brincar no computador (4), que demonstrou interesse em cuidar do ambiente e ajudar o próximo (5) e que sonha em inventar algo novo (2).

É importante salientar que os questionários utilizados para selecionar os participantes são apenas pré questionários, que no trajeto da pesquisa se fizeram necessários à sua

continuação. Estes não serão considerados como dados finais da pesquisa porque não nos interessa aprofundar a análise sobre eles. O procedimento utilizado para a seleção foi a aproximação de contextos que culminaram em um agrupamento quantitativo de respostas similares. Este definitivamente não é o estilo desta pesquisa, todavia, foi este o método encontrado para garantir a todos o mesmo direito de participação.

Nos questionários aplicados antes e após a oficina, com o intuito de verificar as hipóteses da pesquisa, não nos interessou medir a quantidade de respostas similares ou analisar meticulosamente as respostas de cada questão, o que sem dúvida endureceria a análise, tornando o ato de pesquisar uma ação mecânica. Escolhemos a análise qualitativa porque esta pesquisa

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 22).

Ao analisar os dados da pesquisa, nosso objetivo foi buscar, no discurso dos participantes, relatos que convergissem para as práticas e diálogos desenvolvidos no decorrer da oficina e que, de alguma forma, respondessem às questões de pesquisa elencadas, contribuindo para verificar de que maneira o audiovisual poderia contribuir com a Educação Ambiental Não-Formal (EANF). Para isto foi aplicado um questionário às crianças, no início e ao final das atividades da oficina, com objetivo de verificar possíveis mudanças na maneira com que o grupo percebe e se relaciona com a mídia e com o ambiente. Foram feitas as seguintes perguntas: O que você entende por ambiente? Qual é seu papel nele? Quais são os problemas ambientais que você conhece? O que você pode fazer em relação a eles? O que a televisão tem a ver com o ambiente?

A análise de dados foi baseada na proposta de Laswell, que foi atualizada pelos pesquisadores Maria do Carmo Galiazzi e Roque Moraes^{ix}, compondo o método conhecido como *Análise Textual Discursiva*. Esta classificação propõe a análise qualitativa de conteúdos das mais diversas fontes, por meio das seguintes definições: 1) *Quem fala?* 2) *Para dizer o quê?* 3) *A quem?* 4) *De que modo?* 5) *Com que finalidade?* 6) *Com que resultados?* (MORAES, 1999, p.08).

A questão que se aproxima dos pressupostos metodológicos deste trabalho é a análise de conteúdo que focaliza *com que resultados?* Neste espectro o pesquisador busca identificar os resultados efetivos de uma comunicação (neste caso, tomemos como ato comunicativo a oficina *Criando Ambientes Midiáticos Sustentáveis*).

Em consonância com os objetivos do trabalho, que busca a construção de valores que instiguem a ação transformadora no ambiente, a análise foi conduzida por meio da abordagem subjetiva, pois esta considera não apenas o conteúdo manifesto, mas também o significado latente dos dados, através de um processo indutivo, que emerge da fala e da visão de mundo dos sujeitos. De acordo com Moraes (1999), este tipo de abordagem visa à compreensão dos fenômenos investigados e, ao contrário da análise dedutiva, que parte de uma teoria, a abordagem indutiva, também chamada de construtiva ou subjetiva, visa chegar a uma teoria a partir dos dados que constituem a pesquisa. “Sua finalidade não é generalizar ou testar hipóteses, mas construir uma compreensão dos fenômenos investigados” (MORAES, 1999, p. 15).

A partir da comparação entre as respostas, foram discutidas as relações estabelecidas entre os objetivos e os resultados da pesquisa. Foram levados em consideração aspectos como a percepção dos indivíduos a respeito do ambiente e da mídia e que tipos de relação subjetiva, social e ambiental estabelecem com o meio natural. Nossas considerações buscaram encontrar consonâncias entre as questões de pesquisa e os resultados da oficina, mensurados por meio da comparação entre os questionários aplicados antes e após os encontros. Neste processo fomos relacionando as questões lançadas, as respostas do grupo-sujeito e os conceitos que foram sendo desvelados nos caminhos da pesquisa.

Discussão

As respostas dos questionários evidenciam que, após a oficina, os participantes apresentaram maior compreensão do fenômeno de manipulação midiático. As crianças identificaram os processos de manipulação e serialização das subjetividades e alcançaram um nível de compreensão destes fenômenos que permite traçar paralelos entre a serialização midiática, o incentivo ao consumo e a degradação ambiental.

Quanto a isto, destaca-se a reflexão que um dos participantes faz entre TV e ambiente: *Tem a ver com o ambiente porque faz nós comprar as coisa e tirar uma parte do meio ambiente que vivemos*. Outra participante confirma esta ideia quando diz: *Ela nos faz comprar coisas que destrói o meio ambiente*.

A proximidade com o suporte audiovisual conquistado durante as experimentações da oficina e na execução do programa JORNALECO, certamente contribuiu para o alcance destas compreensões, visto que permitiu aos participantes conhecer as diversas etapas da produção técnica audiovisual, ao mesmo tempo em que se refletia constantemente sobre as escolhas feitas na produção; avaliando, comparando e refazendo, em uma atividade dinâmica de EANF. Neste sentido, a oficina constituiu-se em um espaço de aporte à criatividade, à experimentação do novo, ao descobrimento de novas perspectivas que possam ir de encontro ao fatalismo dos que se conformam com o domínio do instituído. Nossos encontros, portanto, convergiram para aquilo que Guattari (1992) diz ser um ponto programático primordial da ecologia social: “fazer transitar essas sociedades capitalísticas da era da mídia em direção a uma era pós-mídia, assim entendida como uma reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeito, capazes de geri-la numa via de ressingularização” (GUATTARI, 1992, p. 47).

Outro aspecto questionado na fala dos participantes é a passividade dos espectadores em relação às imposições midiáticas. A menina de dez anos diz o seguinte: *“Ela nos mostra o que não é verdade para nós deixamos tudo do jeito que tá”*. O menino de oito, afirma: [...] *a teve fala com selebro das crianças e que fas elas fica muito tempo na teve [...]*.

Estes relatos demonstram que a capacidade crítica e reflexiva dos participantes, sem dúvida, foi estimulada. As respostas que, no primeiro momento, mostravam-se ingênuas ao descrever a TV como elemento que auxilia no cuidado com o ambiente, que “avisa quando tem algo errado com o solo”, passaram a expressar a compreensão da força deste suporte como dispositivo capaz de moldar a percepção e a ação sobre o mundo.

Assim, podemos afirmar que atividades de Educação Ambiental Não Formal que envolvam a apropriação dos dispositivos técnicos audiovisuais, o diálogo e a reflexão sobre este suporte, podem abrir espaços para a criação de novas linguagens que sirvam de antídotos para a uniformização midiática.

Quanto à percepção do ambiente e à forma de atuação de cada um neste, nota-se que a compreensão das crianças adquiriu maior profundidade. As respostas tornaram-se mais complexas ao fundamentarem-se nas relações de causa e efeito, incluindo o ser humano como parte do tecido que compõe a teia da vida. Destaco a resposta que uma das participantes redigiu antes da oficina, quando questionada sobre quais eram os problemas ambientais dos quais ela tinha conhecimento: *Poluição, corte de árvores.*

Ao final de nossos encontros, quando questionada novamente sobre o mesmo tema, a menina respondeu: *Eu conheço vários problemas um deles é que as pessoas jogam muitos lixos e prejudicam as enchentes.*

A aproximação entre os problemas ambientais e o cotidiano dos participantes possibilitou articular as atividades de Educação Ambiental Não-Formal sob a estratégia que prevê a compreensão do contexto global e a ação em âmbito local. Isto só foi possível porque o tema ambiente foi trazido para a realidade destas crianças através do exercício de (re) olhar, de treinar o olhar para perceber a realidade em uma escala mais abrangente. Através da lente da câmera, fomos aos poucos desvelando realidades que há muito estavam ali presentes, sem serem percebidas. Este novo olhar provocou, desacomodou, suscitou diálogos e promoveu intervenções.

A primeira edição do programa JORNALECO, gravado na escola durante a oficina, trabalhou a questão do lixo. O tema foi sugerido pelas próprias crianças que, ao lançarem este novo olhar para a escola, perceberam a quantidade de lixo que havia pelo pátio, a falta de lixeiras de coleta seletiva e que as poucas lixeiras que havia não estavam devidamente identificadas. Questionaram, também, de onde surgiram as dezenas de bitucas de cigarro jogadas pelo chão, enquanto discutiam entre si sobre quem estaria fumando dentro da escola – o que para eles é errado. Resolveram, então, fazer uma ‘faxina na escola’, catando o lixo que estava no chão, separando-o e organizando as lixeiras para que fosse implementada a coleta seletiva na escola.

Tanto a faxina das crianças quanto a gravação do programa JORNALECO constituem-se em pequenas intervenções geradas a partir do simples exercício de trocar as lentes (pelas lentes da câmera, neste caso). Estas micro-intervenções emergem do reconhecimento que estas crianças fazem delas mesmas como sujeitos capazes de lançar hipóteses para lidar com os problemas ambientais, de questionar, de criar, de agir e de transformar o mundo. Esta

mudança de percepção sobre a natureza e sobre a atuação deles como agentes sociais responsáveis pelo ambiente, fica clara na comparação dos dois relatos da mesma participante, em relação à pergunta: O que você pode fazer em relação aos problemas ambientais que você conhece? A resposta, no primeiro momento foi: *não poluir o ambiente, mas cuidar do ambiente*. E depois: *Fazer uma reciclagem e convidar um grupo de pessoas para limpar as ruas da cidade*.

Analisando estes relatos com a finalidade de ensaiar uma resposta sucinta para o questionamento que tomamos emprestado de Roque Moraes (*com que resultados?*), podemos elencar a tomada de decisão, o reconhecimento da capacidade para a ação, a necessidade de transformação social e o compromisso com a vida, como principais resultados averiguados na fala destas crianças. Hoje elas se reconhecem como cidadãos capazes de transformar a realidade de opressão a qual estamos submetidos. Tornaram-se mais críticos, mais reflexivos. A postura passiva que apresentavam inicialmente cedeu lugar a uma atitude interventiva, capacitada para a ação. A compreensão do contexto sistêmico do ambiente possibilitou que eles traçassem planos objetivos para lidar com os conflitos ambientais locais. E foram além dos planos, eles de fato se organizaram para solucioná-los e agiram.

Esta tomada de consciência e de iniciativa mostra que houve também, no decorrer da oficina, uma melhoria da autoestima destas crianças, que hoje percebem que suas vozes devem ser ouvidas e sentem-se capazes de se fazer ouvir. Neste sentido pode-se prever que o programa JORNALECO se constituirá como espaço interventivo, gerador de *clinamens*, através do qual estas crianças tornam-se portavozes de outras crianças, encorajando-as a tomar posse de sua cidadania também. Ações como esta nos mostram que novas maneiras de existir no mundo e com o mundo são mais do que meras utopias quando se tornam concretizáveis através do esforço e da dedicação conjuntos.

Referências

BAREMBLITT, Gregório. Site da Fundação Gregório Barembritt - Instituto Félix Guattari. Disponível em <http://fgbbh.org.br/glossario.htm>. Acesso em 19 de março de 2012.

- BARBIER, R. *Pesquisa-ação*. Brasília: Editora Liber Livro, 2006. (Coleção Pesquisa, 3).
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo - A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). *Pesquisa Participante*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em Tempo de TV*. São Paulo, SP: Boitempo, 2005.
- CEBRIÁN DE LA SERNA, Manuel et al. (Coord). *Recursos tecnológicos par los procesos de enseñanza y aprendizaje*. Espanha: Editorial Málaga-Universidad, 1998. 193 p.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo, EDUSP, 1987.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Editora 34 Ltda. Rio de Janeiro, 1992.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. 19. ed. Campinas, SP. Papyrus, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método, criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORÁN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Revista Comunicação e Educação*, São Paulo (2): Editora USP; p. 27-35, jan./abr. 1995.
- MORÁN, José Manuel. As mídias na Educação. *Desafios na Comunicação Pessoal*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm. Acesso em 20 de abril de 2011.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- PEDRINI, A. de GUSMÃO & CAVALCANTI, C. (Org.). *Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 1997.

PIAGET, Jean. *Ensaio de Lógica Operatória*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

TRABJER, Rachel; COSTA, Larissa Barbosa da. (coord.). *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: materiais audiovisuais*. São Paulo, SP: Fundação Petrópolis, 2001.

NOTAS:

i Neste estágio do desenvolvimento as operações mentais da criança ainda se dão caso por caso, concreto por concreto. Apenas no estágio máximo do desenvolvimento infantil, a partir dos 11, 12 anos de idade, a lógica torna-se simbólica, permitindo a interpretação de conceitos abstratos.

ii Dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Disponível em: < www.ibope.com.br > Acesso em 20 de maio de 2011.

iii Piaget descreve os processos da imitação em seis estágios que ocorrem durante o período sensório-motor, dos 0 aos 2 anos de idade.

iv Os softwares e suas interfaces estão mais funcionais, o que permite que processos que antes eram bastante complexos se tornem cada vez mais simples.

v De um modo simples, este fenômeno pode ser compreendido a partir do exemplo dos celulares com câmera fotográfica, onde se miscigenam as mídias de telecomunicação e da fotografia digital.

vi www.youtube.com

vii De acordo com Guattari (1987,p.323), o território existencial é “relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”.

viii Disponível em <http://fgbbh.org.br/glossario.htm> Acesso em 19 Mar. 2012. Site da Fundação Gregório Barenblitt – Instituto Félix Guattari.

ix A bandeira da paz tornou-se mundialmente conhecida devido ao pacto de Nicholas K. Roerich pela paz, firmado em 15 de abril de 1935 em Washington DC, no qual estavam presentes vinte representantes de países latino-americanos, inclusive o Brasil. O objetivo do pacto é “preservar em qualquer tempo de perigo todos, os monumentos imovíveis nacionais ou pertencentes a particulares, que formam o tesouro cultural da nações”, seu lema é: *Onde há paz, há cultura; onde há cultura há paz*. (Movimento Mundial de Paz e Mudança para o Calendário de 13 Luas de 28 Dias. Rede de Arte Planetária). Disponível em: sincronariodapaz.org Acesso em maio de 2011.

x Fundação Gregório Barenblitt. Disponível em www.fgbbh.org.br/artigos/analiseeintervecao institucional.htm. Acesso em abr. 2012.

Sobre os autores

Krischna Silveira Duarte é Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Comunicação Social - Bacharelado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

Alfredo Martin Gentini possui Estudos completos em Psicologia - Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina (1974), Graduação em Licenciatura em Psicologia - Universidad Católica Nuestra Señora de La Asunción, Paraguay (1982), Mestrado (1984), doutorado (1987) e pós-doutorado (2007) em Ciências da Educação - Université de Paris VIII, França. Atualmente é professor adjunto (DE) da FURG (Fundação Universidade Federal do Rio Grande) RS.

Enviado em: 01/10/2012

Aceito para publicação em: 04/09/ de 2013
